



VII ENLIJE

A CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS LEITORAS: DO PROJETO À SALA DE AULA

Autor: Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa; Co-autor: Otaíza dos Santos Silva

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB ; amasilesousa@hotmail.com ; otaizasilva@gmail.com

Resumo:

Há que se reconhecer que as relações do leitor com o texto foram alteradas, exigindo da escola novas práticas pedagógicas que concebem o texto literário como objeto de conhecer de estímulo à fantasia e a imaginação e não mais como obrigação escolar. A leitura passa hoje por uma reconfiguração metodológica, em que o texto assume uma nova configuração. Dentro desse contexto, surgem novas formas de ensinar e aprender, embaladas por uma “contaminação amorosa”. Mas, para que essa contaminação aconteça, é preciso que o professor também seja um leitor, pois, segundo Antunes (2009, p. 201), não se nasce com o gosto pela leitura, a prática leitora precisa de incentivo. É nessa perspectiva que desenvolvemos o Projeto de Extensão Nas Asas da Leitura com alunos de 6º e 7º ano de uma escola pública na cidade de Campina Grande. Para iniciar as ações aplicamos um questionário a fim de conhecer a história de leitura dos alunos e a partir daí, propusemos atividades de intervenção com o texto literário que contribuíssem para o desenvolvimento de práticas de leitura. Como embasamento teórico-metodológico para análise dos dados, este trabalho se pauta, principalmente em autores que concebem a leitura como prática social e cultural, a exemplo de Chartier (2009); Certeau (1994), Maria (2016), entre outros. Ao definir esse perfil, acreditamos que será possível contribuir com o processo de construção do leitor a partir da leitura de textos literários.

Palavras-chave: Ensino, Educação básica, leitor literário.

INTRODUÇÃO

A escola tem a função de ampliar a capacidade de leitura dos alunos e, para tanto, precisa criar estratégias de leitura que ultrapassem as amarras de programas preestabelecidos. Desse modo, o contato do leitor com a leitura precisa fazer parte da rotina da escola. Há, por outro lado, que se reconhecer também o papel da família na formação do leitor. A importância do começo: ouvindo histórias antes de dormir, que permitem ao leitor recriar em nossa imaginação.

Desse modo, não deveria parecer estranho nem perda de tempo que a escola destinasse grande parte do seu tempo com leitura, afinal, como afirma Antunes (2009), Escola é lugar de leitura. Estranho é que a escola não seja o lugar de letramento, o ambiente natural da leitura.





VII ENLIJE

Esse contexto nos leva a repensar o papel da escola enquanto lugar de formação do leitor, abrindo espaço para que a leitura seja o centro da proposta pedagógica e a leitura por simples prazer fosse o cuidado de cada dia. Assim, o prazer pela leitura é um ponto imprescindível na formação de leitores.

Luzia de Maria (2016), em sua obra, *O Clube do Livro: ser leitor, que diferença faz?* Ao definir a leitura por prazer, propõe que se ofereça ao aluno “uma festa de leitura a cada início de ano, um banquete de livros no qual cada um escolha aquele que melhor lhe aprouver.” (p.175) Nesse contexto, Ferrarezi (2017) defende que o melhor método para desenvolver o hábito prazeroso de leitura “é a exposição constante da criança desde a mais tenra idade, a bons e variados materiais de leitura para que ela os leia e descubra neles o prazer da leitura, sem outras obrigações, sem racionalizações, sem tarefas adicionais, sem pensar em nota.” (p.33)

Há que se reconhecer que as relações do leitor com o texto foram alteradas, exigindo da escola novas práticas pedagógicas que concebem o texto literário como objeto de conhecimento, de estímulo à fantasia e a imaginação e não mais como obrigação escolar. A leitura passa hoje por uma reconfiguração metodológica em que o texto assume uma nova configuração. Dentro desse contexto, surgem novas formas de ensinar e aprender, embaladas por uma “contaminação amorosa”. Mas, para que essa contaminação aconteça, é preciso que o professor também seja um leitor, pois, segundo Antunes (2009, p.201), não se nasce com o gosto pela leitura, a prática leitora precisa de incentivo. É nessa perspectiva que, através do Projeto de Extensão *Nas Asas da Leitura*, desenvolvemos um projeto de intervenção literária com alunos do 6º e 7º ano de uma escola pública, na cidade de Campina Grande.

Para iniciar as ações, aplicamos um questionário a fim de conhecer a história de leitura dos alunos dentro e fora da escola e, a partir daí, propor atividades de leitura do texto literário que contribuam para o desenvolvimento de práticas leitoras. Nesse sentido, interessa-nos descrever e interpretar a história de leitura desses alunos, a fim de entendermos até que ponto a escola pode contribuir para a formação desse leitor. A partir dos dados obtidos, os integrantes do projeto puderam refletir e ressignificar suas práticas, pois originava-se ali a necessidade de planejar ações de leitura a partir de uma realidade vivenciada pelos alunos da escola pública, percebidas nas respostas dos questionários. Assim, descreveremos aqui flashes das respostas desse questionário, que permitirão uma melhor compreensão do perfil dos alunos quanto ao trabalho com leitura dentro e fora da escola.





VII ENLIJE

1. Primeiras impressões

No momento em que responderam ao questionário, pudemos constatar algumas dificuldades enfrentadas por alguns alunos no que se refere à leitura e escrita. Alguns serviam de escribas para outros e, nesses momentos, sugerimos que os próprios alunos escrevessem suas respostas. Por um momento, ficaram calados e, pudemos perceber que estávamos diante de jovens que não sabiam ler nem escrever. O momento que culminou para essa descoberta foi quando soletrei as letras para que os alunos escrevessem e quando parava de soletrar, eles também paravam, o que só comprovava a falta de domínio da leitura e da escrita. Tínhamos assim um grande desafio: diante de uma situação adversa como a que nos deparamos, desenvolver com esses alunos práticas leitoras prazerosas, mesmo sem alguns dominarem o código linguístico.

Por um lado, esse fato serviu para que déssemos um novo direcionamento as mediações com os outros alunos, pois imaginávamos que a mesma situação poderia estar se repetindo com outros alunos. A partir daí, os integrantes do projeto puderam orientá-los melhor, atentando para as possíveis dificuldades que pudessem ter com relação à leitura e a escrita.

Vale ressaltar ainda que, mesmo com o auxílio do grupo de alunos- professores, alguns alunos não conseguiram compreender o que algumas questões pediam, exigindo dos alunos-professores uma atenção maior. Tal realidade só reforça as dificuldades enfrentadas pelos alunos quanto a aspectos de leitura e escrita. Um exemplo claro disso, foi quanto à questão que perguntava sobre a temática que gostariam que fosse trabalhada em sala de aula. Muitos não souberam responder ou responderam sem coerência.

Some-se a tudo isso, a presença da professora de língua portuguesa quando da realização do questionário. Em todo momento, tentava interferir nas respostas dos alunos. Acreditamos que essa interferência decorra do fato de estarmos, de certa forma, avaliando a sua prática pedagógica, através das respostas dos alunos ao questionário. Tentamos de todo jeito, esclarecer que as respostas dos alunos serviriam para nos orientar no planejamento de nossas ações. Percebemos, desse modo, que as relações sociais travadas no interior da escola, traduziam a existência de mecanismos de poder, de um professor que procurava, a todo instante, justificar sua prática.





VII ENLIJE

1.1. Episódios narrados nos questionários

Quando indagados sobre o que liam dentro e fora da escola, alguns alunos, inicialmente, diziam não fazer nada em casa, mas com a nossa orientação, eles iam relatando inúmeras ações que convergiam para um tipo de leitura. Esse fato comprova que para muito, a leitura se restringe à atividade escolar, pois quando indagados sobre o que fazem na escola, muitos afirmavam: “...na escola eu leio livro de matérias e em casa quadrinhos.” “Na escola, leio mais questões e em casa mais mensagens,” “Na escola é pra estudar, lá fora da escola é pra coisas do dia a dia.” “Quando tem que copiar as tarefas e responder.”

Nos episódios acima, a leitura é vista como obrigatoriedade escolar, e, por conseguinte, distante da realidade. As respostas dos alunos apontam para uma prática escolar: leitura restrita ao cumprimento de atividades em torno das disciplinas. Logo, o fora da escola é estimulante, é prazeroso, ao contrário, o dentro da escola é o lugar da obrigatoriedade. Precisamos refletir sobre essa realidade e criar estratégias que facilitem a capacidade de leitura dos alunos.

Quando indagados sobre a diferença entre a leitura que faziam fora da escola e dentro da escola, alguns alunos responderam que na escola as atividades de leitura são encaradas como obrigações, enquanto as realizadas em casa são voltadas para seus interesses pessoais e por lazer, conforme depoimentos abaixo:

“Na escola é acompanhada pelo professor e em casa faço a leitura por prazer.”

“Na escola é mais para estudar, lá fora da escola é mais pra coisas do dia a dia.”

“Na escola, eu aprendo para realizar provas e fora da escola, eu leio por prazer.”

Os depoimentos acima comprovam que há uma separação rígida entre o que se lê na escola e o que se lê fora dela. Logo, cabe à escola ampliar os universos de leitura dos alunos e suas possibilidades de inserção em eventos de letramentos diversos e não só escolares, de forma a atender aos interesses dos alunos. Assim, não podemos dizer que nossos alunos não gostam de ler, eles gostam e se divertem, aprendem e trocam experiências, o que constatamos, algumas vezes, são práticas equivocadas de leitura para cumprir obrigação da escola, o que acaba por afastar nossos alunos do mundo lúdico, proporcionado pela leitura.

Luzia de Maria (2016) defende que nunca se leu tanto como no presente. Mas, também afirma que nunca se discutiu tanto a pouca leitura na literatura.

Fato também comprovado nos questionários, pois nenhum aluno apontou um nome de nenhuma obra literária lida nem na escola nem fora dela. Acredita-se que talvez, isso tenha ocorrido, porque muitas vezes o desejo de ler é sufocado em nome de objetivos meramente





VII ENLIJE

curriculares. Cabe à escola, criar estratégias de leitura que ultrapassem as amarras dos programas preestabelecidos, e que o contato do aluno com a leitura faça parte da rotina da escola.

Luzia de Maria lembra que “a verdadeira maneira de apurar o gosto das pessoas não é denegrir seus atuais, favoritos, mas ensiná-los a apreciar algo melhor.”(p.42) Nas palavras da autora, deve-se trabalhar a leitura como “degustação” e não como “investigação”, Assim,, mostraríamos outras formas de leitura, a entrada no mundo ficcional, através dos textos literários, em busca de uma leitura prazerosa.

Segundo Sousa (2012), muitas vezes, a escola não tem apresentado para o aluno essa leitura por prazer, o que justifica não termos encontrado nenhum aluno que apontasse para uma leitura prazerosa no contexto escolar. Já Luzia de Maria enfatiza a necessidade do prazer, do encantamento ao se trabalhar com o texto literário, por isso levanta o seguinte questionamento: “Onde estão os livros que crianças e jovens possam ler com verdadeiro encantamento, narrativas capazes de lhes fazer nascer o desejo de ler outro livro igual Ou de ler outro livro do mesmo autor.” (p.41)

A imersão dos recursos tecnológicos e digitais na sociedade tem contribuído para as mudanças de comportamento em relação à leitura. Alteram-se os modos de ler e hoje estamos diante de um novo contexto sociocultural. De um lado, a leitura é concebida a partir de um discurso naturalizado, como uma salvação para os problemas da humanidade, e de outro, o discurso da escola de que o aluno não lê.

Por outro lado, os alunos quando indagados sobre o uso do celular para ler ou escrever, respondem:

“Quando eu preciso falar no Messenger, ler as mensagens que eles mandam.”

“Eu uso pra ler e escrever nas mensagens, em publicações.”

“Eu uso em trabalhos da escola.”

Os exemplos acima só confirmam nossa hipótese de que nossos alunos leem, no entanto, precisamos mostrar a eles que a leitura literária também pode acontecer de forma lúdica, sem fins específicos como as leituras que fazem em mídias sociais. Por outro lado, alguns alunos reproduzem em suas falas o discurso de muitos professores, passando a questionar se realmente o que fazem é considerado leitura, como podemos comprovar na fala a seguir:

“Mais ou menos, porque eu fico mandando mensagens.”

Além disso, é comum encontrarmos nos discursos de professores “Não leem porque não dá tempo”, ou “Quando trabalho leitura, trabalho por parágrafo, pois a turma é grande”.



(83) 3322.3222

www.enlije.com.br

www.enlije.com.br



VII ENLIJE

Diante disso, vale a pena uma reflexão: como justificar a falta de tempo em um contexto sociocultural que nos envolve e nos embrenha nos mais variados textos que circulam na sociedade?

Questões como essa nos fazem lembrar do poema de Drummond, no meio do caminho tinha uma pedra. A pedra, na escola, representa a preocupação de muitos professores em cumprir um currículo pré-determinado. Os parâmetros curriculares já preveem esse trabalho com leitura, o que precisa acontecer, segundo Ferrarezi (2017) é a reformulação curricular, permitindo através de uma sistematização, de tempo e espaço para o trabalho de leitura na escola. Segundo Ferrarezi, sem mudança no currículo, não será possível criar alunos leitores na plenitude do termo.

A formação do leitor fica na maioria das vezes, relegada a segundo plano. Estamos diante de uma dicotomia: de um lado, nunca se leu tanto como nos dias de hoje, e, de outro, os dados comprovam que o número de pessoas que leem literatura tem diminuído a cada pesquisa realizada.

Nesse contexto, passemos a alguns discursos institucionalizados pela escola que impossibilitam a condição de leitor:

- Nossos alunos não gostam de ler; leem por obrigação e não conseguem compreender;
- Os alunos não sabem ler, tem dificuldade até mesmo de decodificar;
- Os alunos de hoje só vivem no celular, não gostam de ler; esses alunos não sabem nada; não tem interesse.

Os discursos acima refletem a leitura como um aspecto negativo e responsável pelo insucesso do aluno. Por outro lado, na maioria das vezes, o professor, mesmo diante dessa realidade, se acha incapaz de mudar esse contexto. Diante dessa realidade, apresentamos os seguintes questionamentos:

- Que objeto de leitura a escola está oferecendo ao aluno
- Quais estratégias a escola usa para desenvolver práticas leitoras
- De que forma a história de leitura do professor influencia o fazer pedagógico

Marina Colassanti chama a atenção para a necessidade de desenvolvermos a leitura prazerosa na escola, e defende que só despertaremos o prazer pela leitura através da “contaminação amorosa.” E, para isso, a leitura deve fazer parte da rotina de sala de aula, e, consequentemente, o professor também deve ser um leitor. Assim, o texto deve ser percebido em sua estética.





VII ENLIJE

Para Ferrarezi (2017), “o primeiro contato de qualquer pessoa com o texto é de natureza estética. A intermediação estética é a porta de entrada para a construção de novos leitores.” (p. 28)

Desse modo, a relação do aluno com o texto literário não deve ser pautado em critérios rígidos, devemos considerar as experiências de leitura como uma fase de vivências emocionais e menos racionais. Ferrarezi apresenta alguns fatores que contribuem para que nossos alunos não sintam prazer na leitura, são eles:

- a) o ensino lógico e mnemônico da língua e de suas pretensas propriedades é o padrão comum adotado;
- b) assim, a língua, a leitura, os textos são ensinados e não vivenciados;
- c) por não ser vivenciada, a leitura é sempre um ato realizado por um não- sujeito;
- d) por ser um ato realizado por um não-sujeito, a leitura não assume um valor existencial;
- e) por não ter valor existencial, a leitura se transforma em mero exercício recreativo sem maior importância;
- f) resultado: o conceito de valor do ato de ler o mundo e o texto se perde, isso quando a leitura não é usada como “castigo” escolar e se torna algo execrável para o aluno. (p. 29)

Devemos assim, atribuir ao nosso aluno a função de protagonista, de sujeito no processo de construção da leitura.





VII ENLIJE

CONCLUSÃO

A aplicação do questionário nos permitiu uma compreensão melhor das práticas de leitura dos alunos dentro e fora do contexto escolar. Estamos conscientes de que muitas informações podem não ter sido reveladas nesse questionário, mas servirão como ponto de partida para a construção de estratégias que ajudarão na construção dos alunos leitores. Acreditamos que o desenvolvimento de práticas leitoras é uma tarefa que pode trazer resultados satisfatórios a médio e longo prazo. A escola, enquanto instituição responsável pela formação do leitor, precisa confrontar o que se lê na/para a escola e o que se lê fora desse espaço, e conseqüentemente, o que se ler por prazer e o que se lê por obrigação. O fato é que nesse contexto de sala de aula em que tanto professor quanto aluno estão envolvidos no excesso de conteúdos técnicos, não dá para sentir falta do que pouco a escola tem se engajado, leitura por prazer. Afinal, não podemos sentir falta do que nunca ou quase nunca experienciamos. Isso justifica também o posicionamento de alguns alunos que mesmo demonstrando satisfação com nossa abordagem sobre leitura, indagavam se não ia ter aula de português. Esse tipo de discurso sugere uma reflexão sobre o que estamos levando como objeto de estudo para nossas aulas, contentando-nos em ser um local de treinamento de alunos que devem se dar bem em provas, do tipo Provinha Brasil e futuramente no ENEM.





VII ENLIJE

BIBLIOGRAFIA

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERRAREZI, Jr Celso e CARVALHO Robson S. de. **De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FREITAS, Raquel M. S. **Memórias de leitura de alunos do curso de letras: práticas e concepções**. (Dissertação de Mestrado). João Pessoa, 2013.

Maria, Luzia de. **O clube do livro: ser leitor, que diferença faz**. São Paulo: Global, 2016

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. (1994) Tradução Lenny Werneck. Porto Alegre, Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; CORTI, Ana Paula e MENDONÇA, Márcia. **Letramentos no ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

